

ALBERTINO GONÇALVES

albertinog@netcabo.pt

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade  
(CECS), Universidade do Minho, Portugal

## O COEFICIENTE HUMANÍSTICO

### RESUMO

O homem, contrariando a tradição bíblica, não é feito de barro, a moldar, mas de fluxo, a acompanhar. Ao defender a presença de um “coeficiente humanista” na investigação sociológica, Znaniecki (1934) consagra-se como precursor da epistemologia do singular (Ferraroti, 1983). O sociólogo deve atender ao modo como os indivíduos traduzem na sua experiência de vida as lógicas institucionais que os envolvem. As dobras, os fluxos e os fragmentos das histórias de vida convocam a diferença e a individuação.

### PALAVRAS-CHAVE

coeficiente humanístico; individuação; fluxos

---

Por conseguinte, sendo todas as coisas causadas e causantes, auxiliadas e auxilantes, mediatas e imediatas, e estando todas elas interligadas por um laço natural e insensível que une as mais distantes e as mais diferentes, considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo; assim como conhecer o todo sem conhecer as partes cada uma de *per si*. (Pascal, 1998, p. 39)

Blaise Pascal é uma referência intelectual de estimação. E este pensamento figurava bem como miniatura nas margens do livro *Eu sou tu*.

*Experiências ecocríticas*, de José Pinheiro Neves, Pedro Rodrigues Costa e outros. Ele condiz com as artes e os horizontes dos autores: o estudo dos fluxos, dos entrelaçamentos, das imperfeições e das mediações entre ordens de natureza e de grandeza distintas. A teoria da individuação não é nova. Mas parece. Existem ideias votadas a pousios mais ou menos longos. A revisitação das teorias da individuação por José Neves e Pedro Costa abre janelas em corredores bafientos. Centrado em autores clássicos como Gabriel Tarde, Max Weber, Georg Simmel, Vilfredo Pareto, Alfred Schütz, Carl Jung e Gilbert Simondon, desafia-se e promete-se. Um chamamento.

Há quem se canse da esperança. Para Pedro Andrade, um prefácio é uma extrodução que “não cita, mas in-cita a um texto, tanto quanto excita em relação a esse texto” (Andrade, 2020, p. 85). Vou limitar-me a recitar. O *Angelus Novus*, de Paul Klee, na interpretação de Walter Benjamin (1985) “Sobre o conceito de história” (1940), é empurrado pelo vento da mudança, com o olhar fixo nas ruínas do passado. Na verdade, a olhar para trás também se vê, porventura com menos brilho do que as atuais estrelas cadentes, mas também com menos ofuscação. Um livro distingue-se pelo seu “sistema de relevâncias” (Schütz, 1962). É essa a marca e a medida do seu valor. Convocar outros autores e outras ideias significa incorrer num desvio distraído. Mas é uma tentação. A leitura do livro recordou-me três autores dos tempos de Max Weber, Georg Simmel e Vilfredo Pareto. Com imaginação, talvez afluem, entre uns e outros, algumas afinidades.

Florian Znaniecki (1882-1958) foi coautor, com William I. Thomas, da obra clássica *O camponês polaco na Europa e na América* (1918-20), estudo pioneiro no recurso a documentos pessoais. No rescaldo da I Guerra Mundial, Znaniecki regressa à Polónia, seu país natal, onde promove, nos anos 1920, uma das maiores recolhas de histórias de vida de que há memória. À semelhança de Gabriel Tarde, demarca-se de Émile Durkheim, a quem crítica a diluição do indivíduo no coletivo.

Ao defender a presença de um “coeficiente humanista” na investigação sociológica, Znaniecki (1934) consagra-se como precursor da epistemologia do singular (Ferraroti, 1983). O sociólogo deve atender ao modo como os indivíduos traduzem na sua experiência de vida as lógicas institucionais que os envolvem. A inspiração na fenomenologia resulta explícita no seguinte excerto:

porque nós não investigamos aqui a consciência, isto é, a forma como o indivíduo concreto se revê experienciando, mas apenas a forma que os dados da experiência assumem no decurso da experiência. O nosso problema não é psicológico, mas fenomenológico. (Znaniecki, 1919, p. 27)

As dobras, os fluxos e os fragmentos das histórias de vida convocam a diferença e a individualização. Um último apontamento acerca da postura do sociólogo segundo Znaniecki: “o sociólogo corre o risco de ao trabalhar sobre uma sociedade esquecer tudo o que poderia compreender trabalhando com ela”. (Markiewicz-Lagneau, 1976, p. 594)

Quando olhamos para o passado, como o *Angelus Novus*, e avançamos de costas para o futuro, assalta-nos uma certa lentidão de vida. Redescobrem-se, contudo, relíquias que os sábios nunca deviam ter esquecido. Interessa revitalizar o patrimônio da Sociologia. Sem raízes, sem profundidade, o húmus esteriliza. Raízes, profundidade e húmus não faltam, afortunadamente, ao pensamento de José Pinheiro Neves e Pedro Rodrigues Costa.

Georgy Lukacs (1885-1971), húngaro, aluno de Georg Simmel e frequentador da casa de Max Weber em Heidelberg, concebe, no livro *A teoria do romance* (1965), a figura do herói problemático. Subjetivo, singular, inquieto, inacabado, contraditório, o herói romanesco embarca numa travessia sem cais num mundo sem sentido, contingente. “O processo segundo o qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo” (Lukacs, 1965, p. 82), num “mundo abandonado por deus” (Lukacs, 1965, p. 92). Esta busca, porventura errante, nunca chega a superar o hiato entre ser e dever ser; neste sentido, nunca chega a cumprir-se. Para Georgy Lukacs, “a psicologia do herói romanesco é a demoníaca” (1965, p. 89): a sua interioridade não se concilia com “um mundo em que a vida apodrece em silêncio”. Para ilustrar este perfil demoníaco, Lukacs socorre-se de J. W. Goethe:

este qualquer coisa não era divino, pois parecia irracional; nem humano, pois não tinha nenhum entendimento; nem diabólico, pois era benevolente; nem angelical, pois muitas vezes deixava notar um prazer perverso. Equivalia ao acaso, pois não dava mostra de coerência; tinha um certo ar de providência, pois oferecia um encadeamento. Tudo que nos limita parecia-lhe permeável; parecia manipular a bel-prazer os elementos necessários à nossa existência; contraía o tempo e distendia o espaço. Só parecia deliciar-se com o impossível e repelir o possível com desprezo. Este ser que parecia penetrar por entre todos os outros, os separar, os unir, chamei-lhe “demoníaco”. (Lukacs, 1965, p.88)

Esta demanda do sentido de si e do mundo, que se impõe ao personagem problemático, aproxima-se, em vários aspetos, do processo de

individualização abordado por José Pinheiro Neves e Pedro Rodrigues Costa. O ser humano, problemático, aventura-se numa exploração, tensa e incerta, pelos meandros da consciência e da existência.

Mikhail Bakhtin (1895-1975), autor russo, propõe, também, uma teoria do romance. Declina, porém, a noção lukacsiana do herói problemático. Para Bakhtin, o que caracteriza o género romanesco é o plurilinguismo (Bakhtin, 1988).

Ao contrário da epopeia, no romance coexistem várias vozes, várias línguas e vários mundos. Um camponês ou um burguês falam as suas próprias línguas e situam-se em consonância com as respetivas origens. A história não é contada por um narrador monológico. A pluralidade de línguas permite o dialogismo. As vozes e os mundos, eventualmente conflitantes, entram em diálogo. O próprio autor do romance, ora se aproxima, ora se afasta desta ou daquela personagem, da sua língua e da sua visão do mundo. Mikhail Bakhtin (2010) aponta os romances de François Rabelais como exemplo precoce deste plurilinguismo. É, contudo, a análise da obra de Fiódor Dostoievski que importa relevar. Dilacerados e polifónicos, os personagens debatem-se num diálogo interno complexo e crucial. Mas, nos romances de Dostoievski, a procura não resolve nem a tensão, nem as clivagens. A descompensação, a falha no processo de individualização, desagua, como diria Gustav Jung, “no sofrimento e na doença psíquica” (Jung, 1979, p. 23), no lado sombra da existência. Em suma, o plurilinguismo e o dialogismo de Mikhail Bakhtin contemplam tanto a demanda interna do indivíduo como as mediações que costuram a sua ligação à sociedade e ao mundo.

À semelhança dos personagens de Dostoievski, dispomos de várias pontas para desfiar o mundo, mas muito se ilude quem espera por fios de Ariana. Os fios dos heróis de Dostoievsky são infinitos e rizomáticos. Enredam-nos no labirinto.

José Pinheiro Neves e Pedro Rodrigues Costa converteram-se, já vão alguns anos, à eco(socio)logia e à teoria da individualização. Dedicaram-lhes tempo e pensamento. O eu sou tu amadureceu. Na atual viragem para uma ciência apressada e infografada, a originalidade e a profundidade já não são o que eram. Neste livro, os autores abordam os principais teóricos da individualização, designadamente Carl Jung e Gilbert Simondon. Michel Maffesoli (1990) sugere que as ideias costumam passar por três fases: a secreta, a discreta e a ostensiva. Estou em crer que a teoria da individualização ainda se encontra, em Portugal, numa fase discreta, com aspiração a ostensiva. *Eu sou tu. Experiências ecocríticas*, é uma espécie de manifesto que concorre para esse desígnio. Recorda-nos que o homem, contrariando a tradição

bíblica, não é feito de barro, a moldar, mas de fluxo, a acompanhar. Concluo como comecei: “tudo é um, tudo é diverso” (Pascal, 1998, p. 61). Valha-nos a diversidade, que o uno já enfastia.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é apoiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020.

## REFERÊNCIAS

- Andrade, P. (2020). Extrodução: uma configuração emergente de escrita sociológica. In J. P. Neves, P. R. Costa, P. de V. Mascarenhas, I. T. de Castro & V. R. Salgado (Eds.), *Eu sou tu. Experiências ecocríticas* (pp. 81-98). Braga: CECS.
- Bakhtin, M. (1988). O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In M. Bakhtin, *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance* (pp. 13-70). São Paulo: UNESP.
- Bakhtin, M. (2010). *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Benjamin, W. (1985). *Magia e técnica, arte e política*. S. Paulo: Editora Brasiliense.
- Ferrarotti, F. (1983). *Histoire et histoires de vie*. Paris: Librairie des Méridiens.
- Jung, C. G. (1979). *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Lukacs, G. (1965). *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34.
- Maffesoli, M. (1990). *Au creux des apparences. Pour une éthique de l'esthétique*. Paris: Plon.
- Markiewicz-Lagneau, J. (1976). L'autobiographie en Pologne ou de l'usage social d'une technique sociologique. *Revue française de sociologie*, 17(4), 591-613.
- Pascal, B. (1998). *Pensamentos*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Schutz, A. (1962). *Collected papers I: the problem of social reality*. Dordrecht, Holanda: Martinus Nijhoff Publishers.
- Znaniecki, F. (1934). *The method of Sociology*. New York: Rinehart & Company, Inc.

Znaniecki, F. (1919). *Cultural reality*. Chicago: The University of Chicago Press.

Citação:

Gonçalves, A. (2020). O coeficiente humanístico. In J. P. Neves; P. R. Costa; P. de V. Mascarenhas; I. T. de Castro & V. R. Salgado (Eds.), *Eu sou tu. Experiências ecocríticas* (pp. 201-206). Braga: CECS.